

FMS	CFM	QFRIM
BIBLIOTECA		
Jornal <i>A Tarde</i>		
Data <i>29.03.93</i>		
Caderno <i>1</i>	Página <i>2</i>	
Seção		
Assunto <i>Centro Histórico moradores</i>		

Mudanças no Centro Histórico atingiram também os moradores

O Pelourinho e o Maciel não são mais os mesmos. Os antigos casarões, agora totalmente reformados pelo governo do estado, deram um novo aspecto ao Centro Histórico. Mas a transformação não está ocorrendo apenas no conjunto arquitetônico colonial. As mudanças atingem também a população. E o resultado é que muitos dos velhos e conhecidos personagens já não moram mais no bairro. Obrigados a desocupar os prédios em ruína, eles mudaram para a periferia da cidade, levando apenas as lembranças das histórias vividas nas ruas e becos do centro.

"Estou muito bem aqui. Não sinto falta nenhuma daquela vida", afirma Gilda Cabral, uma índia da Amazônia, que chegou ao Pelourinho com 14 anos e lá viveu até o final do ano passado. Ela não revela a idade, mas dá uma pista quando diz que viveu mais de 60 anos no Centro Histórico, a maior parte como garçone de um bar. "Não agüentava mais servir cachaça para bêbado", diz. Há cinco meses, Gilda está morando com uma filha, no bairro da Capelinha do São Caetano. Não voltou mais ao Maciel. "E nem penso em voltar", diz, sem conseguir, no entanto, esconder os sinais de tristeza e saudade no olhar. A curiosidade também denuncia o falso alheamento com relação ao antigo bairro. "Mudou muita coisa? Já está tudo reformado?", pergunta.

Foto: Izabel Gouveia/Agcom



Operários estão dando os últimos retoques para a festa da inauguração das reformas, amanhã

SONHOS REALIZADOS

"Gilda diz a todo mundo que está bem, que nem lembra do Maciel, mas no fundo ela está muito triste por ter sido obrigada a mudar", analisa dona Elvira Pereira de Souza, velha amiga de Gilda e uma das principais lideranças comunitárias do Centro Histórico. A casa onde Elvira mora não precisou ser reformada. "Estou aqui e espero continuar no Maciel pelo resto de minha vida", afirma. "Foi aqui que eu realizei todos os meus sonhos. Tenho que adorar o lugar onde me dei bem", diz Elvira.



realizai todos os meus sonhos. Tenho que adorar o lugar onde me dei bem", diz Elvira.

Presidenta da Associação de Moradores e Amigos do Maciel-Pelourinho, dona Elvira foi uma das pessoas que mais lutaram nos últimos anos pela revitalização do Centro Histórico. Por isso, sente-se feliz com a recuperação dos casarões, mas não totalmente. "Não está sendo realizado o tipo de revitalização que sempre defendi. Eu queria a fixação dos antigos moradores na área", disse. Segundo ela, não foi justo o que se fez com os antigos ocupantes dos casarões. "Fomos nós que ajudamos a manter os prédios em pé", acrescentou.

"Não há transformação, não há progresso sem um pouco de sacrifício", opina Clarindo Silva, da Cantina da Lua, outra importante liderança do movimento pela revitalização do Centro Histórico. Segundo ele, muita gente teve que ser relocada, para que a obra fosse realizada, mas o importante é que o processo de revitalização foi iniciado. "Começou no momento certo. Não podia demorar mais", disse Clarindo. Diariamente, ele percorre as ruas e becos do Maciel acompanhando o passo a passo as mudanças que estão ocorrendo na área. "A degradação desse conjunto era muito grande", afirma. "O que está sendo feito vai dar grandes frutos, mas não basta apenas recuperar os prédios. É preciso habitá-los e desenvolver um trabalho educativo no sentido de conscientizar a população sobre a impor-

Foto: Fernando Amorim



Elvira queria fixar moradores

tância da conservação dos imóveis", diz Clarindo.

TESTEMUNHA

Se isso não for feito, corre-se o risco de o patrimônio ser novamente deteriorado. Ou seja: voltar a ocorrer no Maciel-Pelourinho o processo de degradação que, a partir da década de 40, provocou a degradação de todo o conjunto arquitetônico. Seu Domingos, o "Preto Velho", um dos personagens mais populares do Pelourinho, foi testemunha ocular desse processo. Nascido e criado no Centro Histórico, ele lembra muito bem da época em que os antigos casarões eram ocupados por famílias de comerciantes árabes, portugueses e também baianos com boa situação econômica.

"Os principais responsáveis desse lugar ter decaído foram os delegados de Polícia, os chefes de Polícia, que trouxeram os bordéis, os prostíbulos para cá", acusa "Preto Velho". Mas agora ele está feliz e não lamenta que muitos dos moradores tivessem que ser relocados para outras áreas. "Agora tudo voltou a ser como era antes", comemora.

Foto: Fernando Amorim



"Preto Velho" acusa a Polícia

Foto: Fernando Amorim



Gilda Cabral não quer voltar

"Megashow" inaugura reforma

A festa de inauguração da primeira etapa de reforma do Centro Histórico acontecerá amanhã, com um "megashow" reunindo nomes como Daniela Mercury, Armandinho, além de Olodum, Filhos de Gandhy, Ilê Aiyê, Banda Reflexus e a Timbalada de Carlinhos Brown. Às 16 horas, o governador abrirá o ato, chegando ao Terreiro de Jesus e caminhando em seguida até a praça principal dos quarteirões reformados, próxima à Rua Alfredo de Brito, onde acontecerá a inauguração.

Encerrada a solenidade, começa o "show", no palco armado na parte de baixo da Ladeira do Pelourinho, em frente à Casa do Benin, local que oferece facilidade de escoamento e maior segurança, além de proporcionar uma visão global de todo o conjunto arquitetônico. Armandinho e a Orquestra Sinfônica da Bahia abrem o espetáculo de inauguração do novo Centro Histórico, que teve 104 casarões recuperados a um custo de US\$12 milhões (cerca de Cr\$320 bilhões).

O Pelourinho, cenário de alguns romances de Jorge Amado, reúne todos os ingredientes para se transformar no mais concorrido pólo cultural da cidade, principalmente com a chegada de bares, casas de show e de "jazz music". Gilberto Gil é um dos artistas que confiam nesta transformação: "Aqui estão vários elementos da cultura baiana e a nova fisionomia contribui para que o Pelourinho seja um pólo cultural", afirma. Já a diretora da Fundação Casa de Jorge Amado, Miriam Fraga, acha que as mudanças geradas pela reforma "vão eliminar da área o estigma da delinquência, de local perigoso".

— Há mais de oito anos que o Olodum vem fazendo campanha para salvar o Centro Histórico, afirma Euzébio Cardoso, diretor artístico do bloco. Ele acrescenta que o grupo tem planos de expandir sua atuação ali, além das fronteiras musicais, com a abertura de uma fábrica para a confecção de bonés, sapatilhas e camisas, utilizando a mão-de-obra local.